



Guião
da Mostra
Documental

Património
industrial
no
concelho de
Oeiras

Serviço de
Arquivo
Municipal

Maio a Setembro
de 2019

Apresentação

- Embora a Fábrica da Pólvora tenha já existência comprovada desde o séc. XVI, é sobretudo com o Marquês de Pombal, em pleno séc. XVIII, que se assiste a um certo desenvolvimento artesanal e manufatureiro em Oeiras. É também com o ministro de D. José que Oeiras teve a primeira exposição industrial que se realizou em Portugal onde se reuniram todo o género de produtos industriais que então se fabricavam no País, tendo as autoridades do reino convocado todos os donos de fábricas a armar barracas e mostruários onde exibissem os seus produtos e mostrassem os progressos das suas manufaturas.
- Com este impulso Oeiras começa a desenvolver outras atividades para além da agricultura, seguindo-se o fomento que a Regeneração tratou de introduzir no País. É neste contexto que surge, por exemplo, a Fábrica de lanifícios de S. Pedro do Areeiro em 1864 e, já no final do séc. XIX, em 1897, a Fábrica de Cerâmica Montargila (Junça).
- O séc. XX acaba por trazer um incremento natural no desenvolvimento industrial do concelho de que são claros exemplos a emblemática Fundação de Oeiras, a Fábrica de Fermentos Holandeses e a Lusalite na Cruz Quebrada.
- Tendo em conta esta evolução e progresso industrial no município, o Serviço de Arquivo Municipal apresenta o Guião da Mostra Documental “Património Industrial no concelho de Oeiras”. Assim, e através da apresentação de algumas das principais unidades industriais implantadas no terreno, procurou-se evidenciar o tecido industrial que, ao longo dos séculos, marcaram de forma indelével a própria evolução do território de Oeiras.

Fábrica da Pólvora

- As primeiras referências à ocupação do vale de Barcarena datam de 1487 para a instalação de umas Ferrarias para o fabrico de armas, mas só no século XVII, cerca de 1618-19, terá funcionado a primeira oficina para o fabrico da pólvora negra, a famosa *Fábrica da Pólvora*.
- As ferrarias acabariam por encerrar no final do século XVII e a “oficina de pólvora” foi-se adaptando e ajustando aos vários tipos de pólvoras, às novas maquinarias e às diversas fontes de energia. Movida inicialmente a água da ribeira de Barcarena, a antiga Fábrica sofreu várias ampliações e transformações ao longo dos séculos, sendo indubitavelmente um importante aglutinador da população da freguesia e zonas circundantes tornando-se determinante para a vida económica e social de Barcarena durante séculos até ao seu encerramento definitivo já em finais dos anos 80 do séc. XX.

Fábrica da Pólvora

Vista aérea



[PT/MOER/MO-NF/001/001/277]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora

Entrada principal



[PT/MOER/MO-NF/008/081]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora

Vista interior



[GC Cx 3/1995 F 56 Neg 36]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora

Vista exterior



[PT/MOER/MO-NF/04/01/538]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora

Painel de azulejos (Fotografia e Postal)



[PT/MOER/MO-NF/008/080]



[PT/MOER/CRI-MPM/02/00103]

Fábrica da Pólvora

Lata de pólvora de caça diamantina (1976)



[PT/MOER/CRI-COL/PDIC/319]

Fábrica da Pólvora

Postal “Das Imagens à História - 1929-1930”



[PT/MOER/CRI-MPM/07/021]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora

Brochura “Breve Apontamento Histórico”

FÁBRICA DA PÓLVORA DE BARCARENA
BREVE APONTAMENTO HISTÓRICO

Fábrica da Pólvora Negra
Fábrica de Pólvora de Barcarena
Rua da Pólvora, 2190-412 Barcarena
Tel. 214 200 400
Fax 214 200 400
E-mail: industria@municioploeoiras.pt
Site: www.municipalploeoiras.pt

2190-317 - Núcleo de Pólvora

DNA - Selo 2190-317
Jorn. 2190-317-01

MUNICÍPIO DE Oeiras

Indústria Municipal de Pólvora

An Ferrarias d’El Rei e os primórdios da manipulação da pólvora negra em Barcarena

A fábrica de Pólvora de Barcarena constitui durante séculos um espaço significativo de produção de Barcarena e zonas circunvizinhas. A sua importância foi vital para o desenvolvimento socio-económico da localidade, e o seu funcionamento também foi impulsionador em determinadas fases da história de Portugal, particularmente quando se tornava urgente a necessidade da sua produção, de acordo com os objetivos militares.

O fabrico da pólvora negra

A pólvora é composta por “três elementos fundamentais por substâncias que isoladamente não explodem mas que, reunidas facilmente de maneira a formar um composto homogéneo sob as condições, explodem”.

A mistura de três elementos – salitre, enxofre e carvão – é que se adiciona água, torrefaz e resulta base para o fabrico da pólvora negra. Esta invenção tem sido vulgarmente atribuída ao sábio chinês, cerca do século VIII, mas só terá chegado à Europa cerca do século XIII.

Podemos, de um modo muito abreviado, enumerar as principais fases de sua fabricação: triagem, moagem e seleção - separação pelo que se obtém uma massa homogénea - para depois se passar à granulação. Porvia-se para se libertar das impurezas, seca-se o grão para se retirar a humidade e, depois, segue para a catrificação e lustração. Agora está pronta para ser colocada e devidamente embalada, para poder armazenar o material ou ficar armazenada nos depósitos.

O processo de fabrico não foi sempre uniforme, foi-se ajustando ao longo dos tempos, passando da forma de pólvora (caça, guerra e minas) e as novas maquinarias empregues, bem como o recurso às diferentes fontes de energia.

Em Portugal, os séculos XI e XII caracterizam-se, de uma maneira geral, por uma luta clara na política ultramarina, que conduziu à descoberta e tomada de novas terras americanas. Para atingir os seus e enviar os produtos da mineração e do comércio foi necessário criar os sistemas administrativos em especial locais, bem como meios para a fabricação, ou seja, parafabricação, matéria e desenvolvimento da indústria em Portugal.

Terá sido nesta época que D. João II (1495-1498) realizou várias tentativas para o fabrico exclusivo de armas, em Barcarena, denominadas Ferrarias d’El-Rei, que se revelaram de enorme importância e muito laborioso até ao final do século XVI.

Mais tarde, D. Manuel I (1499-1521), através do alvará de 21 de Outubro de 1517, ordena que seja dado andamento à empreitada do Casa de Armazen de Barcarena, para a qual terá mandado vir “hábeis ferrarias e metalúrgicos. Para obter melhores resultados, e uma ampliação da anterior oficina, cuja actividade se revelou vital na produção, em larga escala, de armamentos. Por sua vez, a indústria constituiu uma outra casa de armas em Barcarena, o que levou a necessidade, imposta pelos desenvolvimentos, de fazer dotar de uma oficina para o fabrico exclusivo de armas.

Paralelamente ao fabrico de armas, D. Manuel

determinou a instalação de oficinas para a produção de pólvora negra, nos arredores do castelo de S. João, de Pólvora da Cruz e em Alcuzcema. Quanto à existência de uma oficina em Barcarena, neste mesmo período, a historiografia historiográfica remete, julgadamente, para a época dos Descobrimentos e existência de uma primeira estrutura para a fábrica de pólvora negra, junto à ribeira de Barcarena. Esta “circunstância” resulta, presumivelmente, de um erro de leitura do documento “Relatório de Portugal, do Manuel Lourenço de Faria, 1655 - fonte de referência sobre a Fabricação e Administração de Pólvora por Conta do Estado e seu Comércio, datado de 1655, que chegou esta fase.

Não sóo durante a regência do visor-rei D. João de S. João e Memória, 1817 e 1821 - Rufino Manuel de Almeida - houve de confiança de João II, de Portugal, que terá sido fundada a Fábrica de Pólvora de Barcarena. A Lousada fundaria, segundo-se do relato, coube a responsabilidade pelo aumento e execução de uma casa onde foram instalados os primeiros moinhos para a fabrico de pólvora negra, em Barcarena, cerca de 1618/19, que visava trabalhar o revolucionário sistema de galgas. Em relação ao armamento de pólvora, utilizado em Barcarena em conjunto com o engenho de galgas, pouco se sabe de sua verdadeira fábrica, um grande armamento de pólvora salitre, exportar de Portugal, contudo, provavelmente, o único testemunho do referido sistema de pólvora.

De qualquer modo para além desta oficina satelital, também aqui, ao longo dos séculos, outros particulares implementaram várias oficinas destinadas à produção de pólvora negra, sendo quando tal como o desenvolvimento da tradição do local relativamente ao fabrico de explosivos.

A administração da Fábrica

A exploração desta Fábrica, embora sendo do Estado, esteve entregue a vários armadores:

determinou a instalação de oficinas para a produção de pólvora negra, nos arredores do castelo de S. João, de Pólvora da Cruz e em Alcuzcema. Quanto à existência de uma oficina em Barcarena, neste mesmo período, a historiografia historiográfica remete, julgadamente, para a época dos Descobrimentos e existência de uma primeira estrutura para a fábrica de pólvora negra, junto à ribeira de Barcarena. Esta “circunstância” resulta, presumivelmente, de um erro de leitura do documento “Relatório de Portugal, do Manuel Lourenço de Faria, 1655 - fonte de referência sobre a Fabricação e Administração de Pólvora por Conta do Estado e seu Comércio, datado de 1655, que chegou esta fase.

Não sóo durante a regência do visor-rei D. João de S. João e Memória, 1817 e 1821 - Rufino Manuel de Almeida - houve de confiança de João II, de Portugal, que terá sido fundada a Fábrica de Pólvora de Barcarena. A Lousada fundaria, segundo-se do relato, coube a responsabilidade pelo aumento e execução de uma casa onde foram instalados os primeiros moinhos para a fabrico de pólvora negra, em Barcarena, cerca de 1618/19, que visava trabalhar o revolucionário sistema de galgas. Em relação ao armamento de pólvora, utilizado em Barcarena em conjunto com o engenho de galgas, pouco se sabe de sua verdadeira fábrica, um grande armamento de pólvora salitre, exportar de Portugal, contudo, provavelmente, o único testemunho do referido sistema de pólvora.

De qualquer modo para além desta oficina satelital, também aqui, ao longo dos séculos, outros particulares implementaram várias oficinas destinadas à produção de pólvora negra, sendo quando tal como o desenvolvimento da tradição do local relativamente ao fabrico de explosivos.

A administração da Fábrica

A exploração desta Fábrica, embora sendo do Estado, esteve entregue a vários armadores:

Fábrica da Pólvora

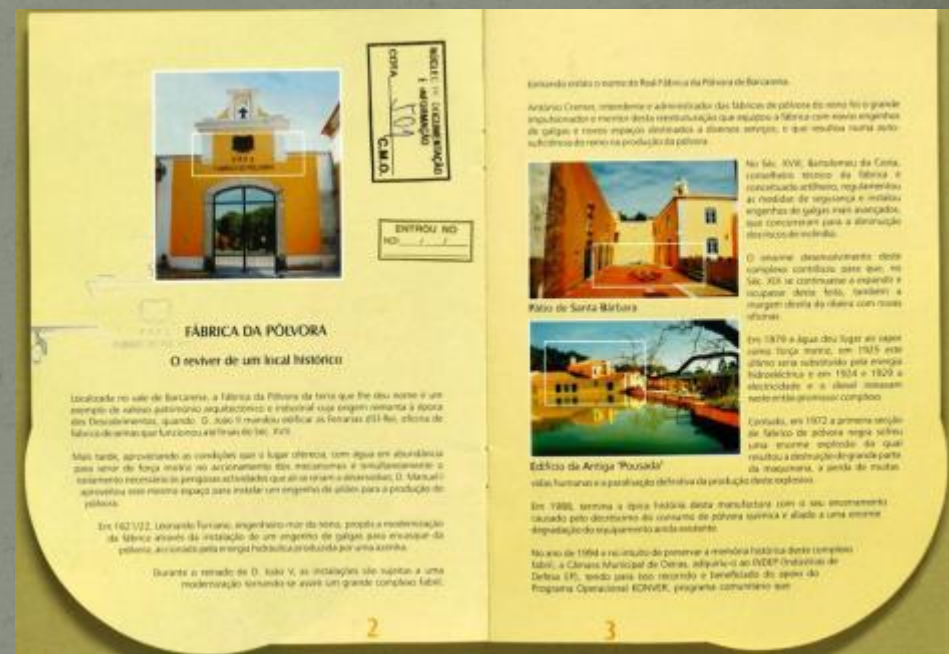
Brochura “Homens e Máquinas”



[PT/MOER/CRI-MPM/02/01456]

Fábrica da Pólvora

Brochura “Fábrica da Pólvora”



[PT/MOER/CRI-MPM/02/00501]

Fábrica da Pólvora

Brochura “X Aniversário do Museu da Fábrica da Pólvora”

16 NOV **13H00 – À Conversa com... Dr. José Mezo – Os Azulejos Barrocos e a Fábrica da Pólvora**
 Orientação: Museu da Pólvora Negra
 Local: Museu da Pólvora Negra

13H00 – Atelier No teu quadrado, o Museu!
 Atelier de pintura de azulejo subordenado ao tema Água na Fábrica utilizando duas técnicas azulejares, majólica e espanhola.
 Orientação: Museu da Pólvora Negra e Susana Sirlha
 Local: Museu da Pólvora Negra

18H00 – Inauguração da Exposição de Fotografia Água
 Orientação: Museu da Pólvora Negra e recortes da 1.ª Maratona Fotográfica da Fábrica, realizada a 18 OUT.
 Local: Edifício 51

4 DEZ **19H30 – Inauguração da Exposição No Rio da Memória: vozes e rostos dos operários da Fábrica da Pólvora de Barcelena**
 Orientação: Museu da Pólvora Negra, Rogério Alves e Laura Domingues
 Local: Complexo da Fábrica da Pólvora de Barcelena

X ANIVERSÁRIO DO MUSEU



Fábrica da Pólvora
10 ANOS

17 JUN
 [20-31] Lançamento dos Cadernos do Museu Nº 3
 Investigação colaborativa: Bárbara Baiduchardt, José António Vitorino, Jaime Regalado, Patrícia Róden do Almeida, Mário de Lurdes Estêvão Silva, João Pedro Monteiro, Paulo Henriques, José Luís Gomes, Nélida Guzmán de Alencar, Vitor Neto, Flávia Maria Ribeiro, Ricardo Marques Pinto.
19H00 às 20h30 – 10 Povos
 A história da Fábrica da Pólvora contada por 10 histórias, uma de cada um: Nélida Guzmán, Ricardo Marques Pinto, António Garrett, Carlos Vitor, Álvaro de Campos, Mário de Sá-Carneiro, Sophia de Mello Breyner Andresen, Mário Casanova.
 Orientação: Jorge do Paço - Maria Aguiar, Tânia Gil e Professora Fátima Machado com a participação de poetas Ana Brás e do músico João Carlos Vilaça.

ENTRADA LIVRE

17 AGO **15H00 – Ir ao Museu, pode ser uma boa terapia?**
 Aprenda para conhecer o magnífico complexo da Fábrica da Pólvora depois de destruí-la de uma mensagem Shakti, numa cadorna especial.
 Orientação: Museu da Pólvora Negra e Hércula Barreira
 Local: Jardim da Cadeira dos Engenheiros

16H00 – À Conversa com... Dr. Jaime Regalado – Mortais Provedo
 Orientação: Museu da Pólvora Negra
 Local: Museu da Pólvora Negra

17H00 às 22H00 – Inauguração Projecto Seneiro Música Fabricada
 Quatro instalações sonoras criadas para os edifícios mais emblemáticos do complexo da Fábrica e partir de experiências plásticas dos músicos, nem os espaços são apresentados com um conceito singular na Casa do Salitre antecedente de uma conversa com Carlos Pinto sobre o tema **O Imaginário Industrial e Pós-Industrial: Arquiteturas, espaços e territorializações musicais**
 Orientação: Museu da Pólvora Negra e THESCO
 Local: Casa do Salitre, Centrais Diesel, Hidroelétrica e Edifício das Galgas

Estes edifícios estarão igualmente abertos ao público, das 10H00 às 18H00, nos sábados e domingos, dias 27 e 28 de Setembro, 4,5,11,12 e 18 de Outubro.

19 OUT **19H00 – 1.ª Maratona Fotográfica da Fábrica**
 Participe no concurso de fotografia subordenado ao tema **Água**
 Orientação: Museu da Pólvora Negra
 Local: Complexo da Fábrica da Pólvora de Barcelena

11H00 – À Conversa com... Professora Ana Paula Rebelo Correia – Mitologia na Anáclitica Barroca
 Orientação: Museu da Pólvora Negra
 Local: Museu da Pólvora Negra

13H00 – Atelier No teu quadrado, o Museu!
 Atelier de pintura de azulejo subordenado ao tema Água na Fábrica utilizando duas técnicas azulejares, majólica e espanhola.
 Orientação: Museu da Pólvora Negra e Susana Sirlha
 Local: Museu da Pólvora Negra

16H00 – Inauguração Exposição de Fotografia 10 Anos-10 Ofícios
 Novas ofícios sobre a Fábrica por Carlos Montalvão, Carlos Sirlha e Adriano Alves.
 Orientação: Museu da Pólvora Negra
 Local: Edifício 51

Palavra ao público até 9 de Novembro, de terça a Domingo, das 10H00 às 17H00.

18H00 às 19H00 – Música Fabricada
 Música industrial na Casa do Salitre, Centrais Diesel, Hidroelétrica e Edifício das Galgas
 Orientação: Museu da Pólvora Negra

Estes edifícios estarão igualmente abertos ao público, das 10H00 às 18H00, nos dias 25 e 26 de Outubro, Sábado e Domingo.

20 JUL **16H00 – Ir ao Museu, pode ser uma boa terapia?**
 Aprenda para conhecer o magnífico complexo da Fábrica da Pólvora depois de destruí-la de uma mensagem Shakti, numa cadorna especial.
 Orientação: Museu da Pólvora Negra e Hércula Barreira
 Local: Jardim da Cadeira dos Engenheiros

17H00 – Inauguração da Exposição Pólvora Muse
 Objectos artísticos, no âmbito da Land Art - Dália Gonçalves, Tiago Grande, Nuno Coimbra, João Biscavino, Pedro Faria e Rui Mourão
 Orientação: Museu da Pólvora Negra e Clube Português de Artes e Ofícios
 Local: Complexo da Fábrica da Pólvora de Barcelena
 Retorno em público até 22 de Agosto

14H00 às 18H00 – Sons na Fábrica!
 Música industrial na Casa do Salitre, Centrais Diesel, Hidroelétrica e Edif. Galgas
 Orientação: Museu da Pólvora Negra

15H00 – Ir ao Museu, pode ser uma boa terapia?
 Aprenda para conhecer o magnífico complexo da Fábrica da Pólvora depois de destruí-la de uma mensagem Shakti, numa cadorna especial.
 Orientação: Museu da Pólvora Negra e Hércula Barreira
 Local: Jardim da Cadeira dos Engenheiros

16H00 – Azáfama Fabril...
 Este atelier é a retrava conceptualizada de uma dança possível entre pais e filhos que resistem e ama de operários talvez exarcentados a história que o Museu tem para contar.
 Orientação: Museu da Pólvora Negra e Clube Português de Artes e Ofícios
 Local: Edifício 26

14H00 às 18H00 – Sons na Fábrica!
 Música industrial na Casa do Salitre, Centrais Diesel, Hidroelétrica e Edifício das Galgas
 Orientação: Museu da Pólvora Negra

MULTIPLIO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
 COTA 1,00€
 C.M.O.

ENTRADA LIVRE
 HOR. 10h-18h

Informações:
 Museu da Pólvora Negra
 Fábrica da Pólvora de Barcelena
 Estrada da Pólvora, 1740-005 Barcelena
 Tel. 214.361.430 - Fax. 214.371.360
 E-mail: museu@mvn.pt

Oeiras
 Município

[PT/MOER/CRI-MPM/02/00499]

Fábrica da Pólvora

Oeiras no Arquivo Pitoresco



[PT/MOER/CRI-MPM/07/00589]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora

Postal ilustrado “Fábrica da Pólvora”



[PT/MOER/CRI-MPM/07/00002]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora

Brochura “Fábrica da Pólvora”

A ESCOLHA DO TRIMESTRE

Fotografia de interior de armazém com materiais de combate a incêndios



A peça que protagoniza a escolha deste trimestre reside o inventário número MPN-F-DCS-pc75 e corresponde a uma fotografia do interior de um armazém com materiais de combate a incêndios na antiga Fábrica da Pólvora de Barcelona.

Trata-se de uma prova em gelatina e prata feita sobre papel de revelação com o formato de 23,5 X 17,5 cm. No verso, indicações variadas e o carimbo do fotógrafo revelam-nos dados de maior importância, como sejam: a autoria, devida a Óscar Coelho da Silva, profissional estabelecido em Lisboa, na Praça D. João da Câmara, 4 - 4.º F.; a data de realização da fotografia (17 de Outubro de 1963); e ainda, o número do cliché (1344/3).

Heverá a dizer que, entre 1963 e 1964, Óscar Coelho da Silva efectuou um levantamento fotográfico da Fábrica, geral e sistemático, contemplando exteriores e interiores - como não suceda desde o álbum de imagens de 1929-1930. Com exactidão, o fotógrafo terá estado em Barcelona pelo menos nos dias que aparecem anclados nos versos das provas fotográficas: a 1 de Julho, 2 de Setembro, 9 e 17 de Outubro, e a 4 de Dezembro do ano de 1963; assim como a 26 de Janeiro, 4 de Agosto, e a 4 de Dezembro do ano de 1964.

Desse trabalho, existe notícia de um total, não completamente determinado, de cerca de setecentas e dezasseis fotografias, a que respeitam as quatrocentas e doze remanescentes, do acervo documental e iconográfico do Museu da Pólvora Negra. Aqui se documenta a unidade fabril com grande diversidade temática, desde o registo meramente patrimonial dos edifícios e da maquinaria, aos processos de fabrico e de acondicionamento da pólvora, ou ainda às orientações e práticas de sociabilidade. A presente fotografia consta de uma série de quarenta e cinco clichés n.º 1344/1 a 1344/45, em que se registam múltiplos locais da Fábrica.

De sublinhar a amplitude do projecto, de grande fôlego: quanto à área tratada, à extensão temporal em que decorreu e ao numeroso conjunto de fotografias que originou. Se a esta circunstância se associar a necessária franquia aos espaços obtida pelo fotógrafo, não será descabido concluir-se sobre a forte probabilidade de tal levantamento fotográfico proceder de encomenda da própria Fábrica da Pólvora. Ficam por esclarecer, não obstante, as motivações específicas para o mesmo: apenas o registo imagético, de forma a atestar, perpetuando também, o estado de desenvolvimento do complexo? a perspectiva de mais intervenções e investimentos para a diversificação da produção? a planificação de uma nova estratégia de marketing, procurando conquistar mais mercados? ou tão-somente a reportagem jornalística de uma inauguração (como foi a dos reflectores), que terá depois dado azo a uma proposta mais ambiciosa?

Seja como for, é neste contexto que se inclui a fotografia que direcciona de forma particular o nosso olhar e a nossa atenção, não porque a temática que descreve é em si mesmo específica e provida de peso no âmbito das inquietações em torno da fábrica: a prevenção e luta contra os fogos/explosões.

O que se mostra na imagem aproxima-se mais de uma aneddotagem em que jazem, adormecidos e já obsoletos, os despojos daquele que em 1929-1930, e de acordo com a fotografia de exterior existente, era um bem equipado posto de combate a incêndios. Ainda então, pressupondo o cumprimento das determinações constantes no Regulamento de Segurança de 1892, as máquinas com seu armamento estavam habitualmente dispostas pelas diversas secções, nas “casas de bomba” localizadas à boca das oficinas, não obstante haver pelo menos uma bomba em dependência com serventia para o exterior das instalações fabris. Aqui, pelo contrário, regista-se um conjunto de objectos quase amortoados, depositados e sem uso, acondicionados de forma a ocuparem o menor espaço de armazém e não já com o propósito de servirem no socorro.

Nessa conformidade, domina uma certa ambiência de abandono, induzida quer pelas características do espaço captado quer pelas opções técnicas e estéticas do fotógrafo.

[PT/MOER/CRI-MPM/02/00490]

Fábrica da Pólvora

Brochura “Utensílios de carregamento e cartuchos de caça”

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
Oeiras
COTA 33
EXTRATO Nº 12
3 JUL 02
MUSEU DA PÓLVORA NEGRA

A ESCOLHA DO TRIMESTRE

UTENSÍLIOS DE CARREGAMENTO DE CARTUCHOS DE CAÇA

O objecto, mesmo os mais simples, contam histórias e deixam também histórias por revelar. Contam histórias do seu tempo, dos seus criadores, dos seus utilizadores e dos ambientes em que foram usados.



Na exposição permanente do Museu de Pólvora Negra figura um singular aparelho que existiu em muitas casas portuguesas. Um rebordador de cartuchos de caça com número de inventário MPM-06j-1. Construído em madeira, este objecto tem a função de dobrar o rebordo dos cartuchos de caça, fixando contra a carga de projectil, umas pequenas estacas de chumbo, um disco de cartão que fechava o cartucho. Um cartucho de caça foi para muitos caçadores portugueses um consumível – como diríamos hoje – muito desejável porque podia proporcionar uma ou mais refeições de carne pelo preço do cartucho. No entanto durante muito tempo não foi integralmente um consumível. A parte mais valiosa, e mais cara, podia ser reutilizada. O cartucho, no qual se aplicava um fulminante na base, apresentava-se a um copo que era cheio com vários componentes: a pólvora, no fundo, seguida de uma bucha de feltro ou cortiça e, sobre esta, uma carga de estacas de chumbo, os chumbos como se diz na gíria própria; por fim, para fechar o cartucho, um disco de cartão era colocado sobre a carga de chumbos sendo fixo fortemente por uma dobra no rebordo do cartucho, feita para o interior, com uma ferramenta própria, o rebordador.

Mas, já agora, porque é que se chamavam cartuchos e esta munição das espingardas? Originalmente as armas de fogo carregavam-se pelo entronalidade do cano por onde saía o projectil, a boca do cano, e o lado oposto, a culatra, que hoje se abre, era fechada, tendo só um pequeno orifício chamado saco através do qual se incendiava a carga de pólvora. Introduziam-se pela boca do cano primeiro a pólvora, depois a bucha e por fim a carga de chumbos que, para não caírem, eram seguros com nova bucha ou papel comprimido. Para facilitar esta operação nasceu, sobretudo no uso militar – em que a rapidez do carregamento era crucial – estes componentes passavam a estar contidos num cartucho cilíndrico de papel que, no momento de começar a espingarda, era rasgado, vapada a pólvora no cano sendo a bucha, embutida no papel do cartucho que fazia o ajuste ao cano, forçada com a ajuda duma vareta de madeira ou ferro, até assentar sobre a carga de pólvora. No caso dos chumbos usados na caça menor, era necessária a bucha para transmitir aos múltiplos pequenos projectis a impulsão dos gases resultantes da combustão da pólvora.



Este sistema de cartucho, tanto tempo foi usado – do século XIV até meados do XIX – que a designação perdurou mesmo depois de já não se carregarem as espingardas dessa forma. O cartucho de papel deu origem ao cartucho actual, um copo em cartão, hoje também em plástico, com uma base de latão ou do próprio plástico no qual estão contidos todos os seus componentes: fulminante, carga de pólvora, bucha, carga de chumbos ou bala, sendo o cartucho fechado com um disco de cartão ou, actualmente, com um sistema de dobragem em estrela do próprio cartucho.

[PT/MOER/CRI-MPM/02/0039]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora

Brochura “Oeiras Marca o Ritmo”



Palácio do Marquês de Pombal, um dos museus do país de maior qualidade, reconstruído na Universidade em Barceloneta



Feira anual de variedades hortícolas em Oeiras, Praça do Dr. António de Aguiar



Vila de Oeiras - Centro Histórico



Fontes das 4 Estações no túnel do Marquês de Pombal



Le municipalité d'Oeiras est situé dans la région métropolitaine de Lisbonne et est limitrophe des villes de Lisbonne, Cascais, Sintra et Amadora.

Sise sur la rive nord du Tage au milieu d'un paysage remarquable, Oeiras, peuplé aujourd'hui de plus de 160.000 habitants, possède une longue tradition historique comme en témoignent vestiges datant de la préhistoire.

Au XVIII^{ème} siècle l'intervention du Marquis de Pombal permit la naissance du village d'Oeiras, puis son elevation au rang de conseil, ce qui entraîna réputation et prestige pour la région.

Oeiras conserve encore aujourd'hui ses caractéristiques culturelles, paysagères et environnementales bien marquées.

Doté d'un patrimoine historique remarquable duquel se détachent le Palais des Marquis de Pombal, le Fort de São Julião da Barra et aujourd'hui déjà restauré, d'un espace important occupé par l'ancienne Manufacture de la Poudre Noire à Barrarena, Oeiras entra dans le XX^{ème} siècle comme l'un des conseils avec les plus fortes mutations au niveau de l'environnement, des espaces verts et, plus généralement, de la qualité de la vie.

Oeiras est aujourd'hui une des municipalités les plus développées du pays et où on peut trouver le plus grand pôle scientifique et technique du Portugal et une activité culturelle toujours plus diverse et universelle, plus que jamais elle est une municipalité que mérite d'être connue et visitée.



Jardins de São Pedro - Povo de Oeiras



Fortaleza de St. Julião da Barra em Oeiras



Fontes Luminosas - natureza de Cascais em Oeiras



Der Kreis Oeiras liegt im Einzugsgebiet der Stadt Tisabon und grenzt an die Stadtgemeinden von Tisabon, Cascais, Sintra und Amadora.

Direkt am Nordufer des Tejo-Flusses gelegen und mit einer bemerkenswerten Aussicht bezieht Oeiras, zurzeit mit über 160.000 Einwohnern, historische Traditionen und Spuren, die auf die Vorgeschichte zurückgreifen.

Im 18. Jahrhundert hat Marquis von Pombal die Gründung der Stadt Oeiras bewilligt sowie ihre Erhebung zum Landkreis, was der Stadt Ruhm und Ansehen verliehen hat.

Oeiras ist heute noch durch ihre kulturellen Landschafts- und Umwelt-Merkmale stark gekennzeichnet.

Mit einem bemerkenswerten Erbgut, mit Hervorheben des Palastes des Marquis von Pombal, der Festung S. Julião da Barra und der

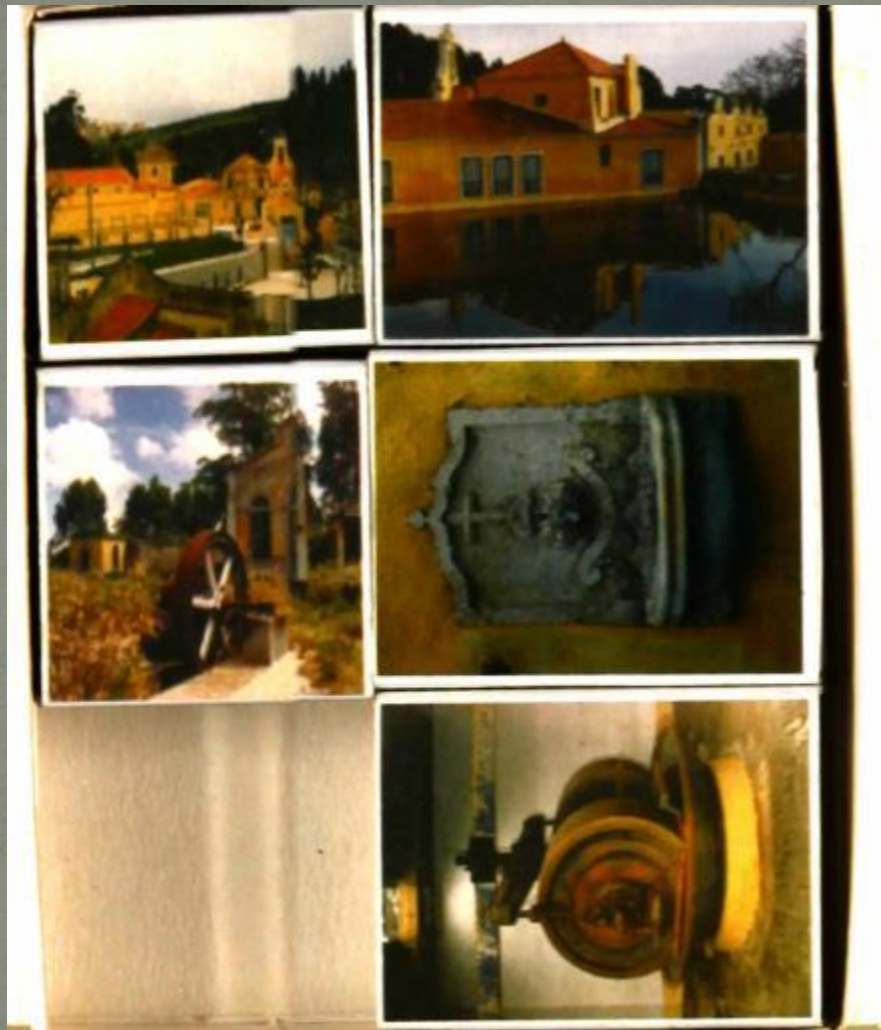
Wiederausgebauten Schießpulverfabrik in Barrarena, Oeiras ist in 21. Jahrhundert eingetreten als eines der in starker Umwandlung befindlichen Bezirke bezüglich auf die Bewahrung der Umwelt und der Grünflächen und im Allgemeinen der Lebensqualität.

Oeiras zurzeit einen von den besten bewickelten konzentriert den größten wissenschaftlichen und technologischen Mittelpunkt des Landes, und parallel zu einer abwechslungsreichen und kosmopolischen kulturellen Aktivität ist es heute mehr denn je ein Bezirk, den man kennenlernen und besuchen mag!

[PT/MOER/CRI-MPM/02/00864]

Fábrica da Pólvora

5 Caixas de fósforos “Fábrica da Pólvora”



[PT/MOER/CRI-MPM/09/01262]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora

Desdobrável de promoção dos “Museus de Oeiras”



Museu da Pólvora Negra

Fábrica da Pólvora de Barcarena • Tel.: 21 440 85 90/53

Integrado no complexo da Fábrica da Pólvora de Barcarena, o Museu da Pólvora Negra ilustra a história desta instituição, ao mesmo tempo que documenta os processos de fabrico da pólvora negra, a par da evolução das fontes de energia, então utilizadas. Na primeira sala está instalada a recepção e faz-se uma introdução temática sobre o que é a pólvora, a sua origem, difusão e utilização. O segundo compartimento trata do uso da pólvora em Portugal até ao século XVIII, com especial destaque para a situação em Barcarena e ainda da importância das Ferrarias d'El Rei, que ali se instalaram desde o reinado de D. João II. A terceira sala é dedicada à Real Fábrica da Pólvora de Barcarena, inaugurada por António Cramer em 1729. Nesta está uma dos principais peças deste museu: a recuperação de um engenho de guilgos para o encaixar da pólvora. A quarta sala é dedicada à actividade da Fábrica nos séculos XIX e XX, passando pela evolução tecnológica a par do recurso a novas fontes de energia, abrangendo aspectos sociais e económicos mais recentes.



Horário:
Terça-feira a Domingo das 10h30 às 17h30
7 das 17h30 às 18h30
Entrada à Segunda - Grátis

Entradas:
Adultos - 3,00€
Menores de 10 anos (inclusive) - 1,00€
Dee 16 aos 25 anos - gratuito
Cartão Amigo Oeiras - gratuito

Máximo de 40 anos (inclusive) - grátis
Realizam-se visitas guiadas de terça a quinta-feira, que decorrem sem interrupção prévia para o público. 21 440 85 90 / 53

Autónomos:
Autónomos Lisboa Transportes (LT)
107 Casais - Queluz / Massamá
106 - Alameda (Estádio do Bispo) / Avenida D. João V - Cascais



Exposição do Povoado Pré - Histórico de LLeceia

Fábrica da Pólvora de Barcarena • Tel.: 21 430 10 31

Lleceia é hoje uma das mais importantes estações arqueológicas do país. Nela estão representados os 11 mais diversos períodos, desde o Neolítico Final da Estremadura, até ao Calcolítico Final. Através da grande maquete que aqui se encontra, dos objectos expostos e dos textos explicativos é possível acompanhar o quotidiano deste povoado, conhecer as suas actividades económicas e as suas trocas comerciais, apreciar os artefactos de pedra lascada ou polida e os materiais em osso ou cerâmica, ou descobrir o culto da fertilidade, os amuletos e os adornos, as casas e os vícios e materiais de construção. Esta exposição acompanha também a ascensão e queda do povoado de Lleceia. É esta a história de mais de 10 mil anos que esta exposição tenta contar, numa sala agradável, melhorada pelo magnífico cenário dos Jardins da Fábrica da Pólvora.



Horário:
De Segunda a Seta - feira das 10h30 às 17h30
Entrada aos Sábados e Domingos

Entradas:
Entrada gratuita

Acessos:
Autónomos Lisboa Transportes (LT)
107 Casais - Queluz / Massamá
106 - Alameda (Estádio do Bispo) / Avenida D. João V - Cascais



Museu do Automóvel Antigo

Alam. Calouste Gulbenkian, 7, Paço de Arcos • Tel.: 21 441 06 33

O aparecimento do automóvel, nas finais do século passado teve uma importância fundamental na vida do homem do século XX, influenciando decisivamente o percurso da história. Desde as primitivas carroças, até aos automóveis modernos com elevados níveis de tecnologia e conforto, houve uma evolução enorme, que nos consciencializa sobre o grande desenvolvimento tecnológico que personifica o nosso século. Este museu ilustra-nos a história e a evolução do automóvel, possuindo sempre exposições temáticas relacionadas com vários aspectos do automóvel antigo.



Horário:
Terça a fim das 10h30 às 17h30 e das 18h30 às 19h30

Entradas:
Adultos - 3,00€
Dee 16 aos 25 anos e a partir dos 65 anos - gratuito
Cartão Amigo - 3,00€
Cartão Amigo Oeiras - 1,75€

Visitas guiadas (grupos) - 1,50€
Acessos:
Autónomos Lisboa Transportes (LT) - # 107 e # 108



Aquário Vasco da Gama

Rua Direita, Cruz Quebrada / Dafundo • Tel.: 21 419 63 37

O Aquário Vasco da Gama constitui a par do Jardim Zoológico de Lisboa, um expoente dos denominados museus vivos do nosso país. Constituído por quatro grandes núcleos, desde a coleção oceanográfica de D. Carlos I, passando pela sala dos zoológicos, pela sala de malacologia das costas portuguesas e por último pela sala das aves, mamíferos marinhos e mostra de costões exóticos, este museu possui também um agradável jardim. Actualmente, Aquário e Museu completam-se na importante tarefa de divulgar a vida aquática. Para além de exemplares comuns, o visitante pode observar animais cuja manutenção em cativeiro é difícil, ou mesmo impossível, como por exemplo animais de grande porte ou de zonas profundas, ou mesmo espécies raras. No aquário, a exposição de seres vivos oferece uma imagem real e dinâmica do verdadeiro mundo subaquático.



Horário:
Terça a fim das 10h30 às 17h30

Entradas:
Adultos - 3,00€
Dee 16 aos 25 anos - 1,00€
Menores de 10 anos - gratuito
Grupos escolares com managemto prévio - 2,00€ (12 alunos e 2 acompanhantes)

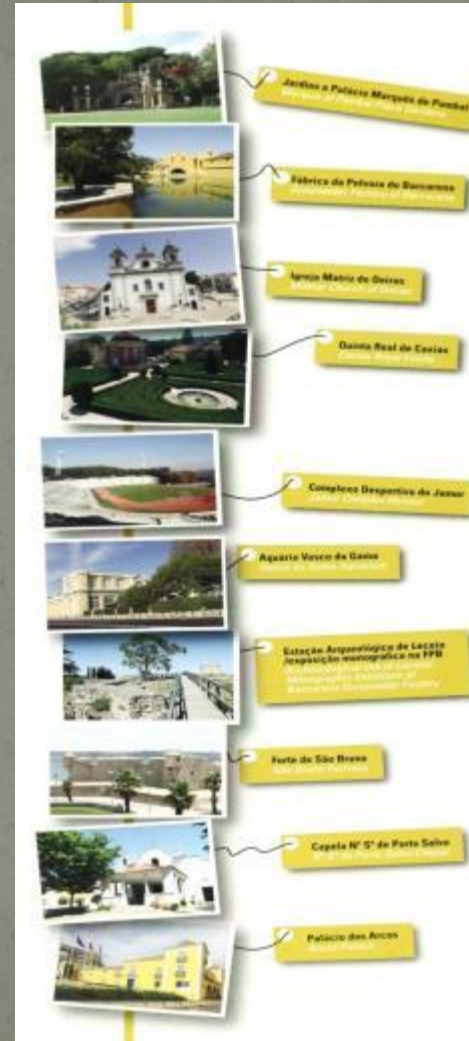
Acessos:
Combido - paragem Estação de Alga
Santos Vasco 107 78

Fornec. estacionamento.

[PT/MOER/CRI-MPM/02/00801]

Fábrica da Pólvora

Desdobrável de promoção dos “10 locais emblemáticos do concelho de Oeiras”



[PT/MOER/CRI-MPM/02/01991]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora

Desdobrável de promoção turística dos pontos de interesse de Oeiras

Informações úteis - Informations utiles
 Alojamentos de Oeiras - Sejours
 Museu de Oeiras - Tourisme, Oeiras, Tourist Office - Oeiras
 Rua do Coro do SP, Anexo do Oeiras, pr. 6, 2780-170 Oeiras
 Tel. 214 404 414 | Fax. 214 406 511
 E-mail: oeiras@oeiras.pt | www.oeiras.pt

Rua de Troncheira - Bairro de Troncheira
 Avenida do Palácio, Mercado de Pontal
 Largo Marques de Fombar - Oeiras
 Tel. 214 404 181
 Hospital "Marcel" - Avenida "Mário" 109 - 181
 Oeiras Est. 91 - 201

Internet: Hora - 1 Dia - 30 Ave
 Weekend: 1 Dia - 30 Ave

Alojamentos - Informations utiles
 Avenida "Mário" 109 - 181
 R. Álvaro Rodrigues de Almeida, lote E 1, 2770-197 Paço de Arcos
 Tel. 215 468 986 | Fax. 214 468 903
 E-mail: informacao@alvaro.com | www.alvaro.com

Lagoas Park Hotel ****
 Lagoas Park, 2780-240 Povoação de Sagres
 Tel. 215 106 700 | Fax. 215 106 701
 E-mail: lagoas.park@lagoas.com | www.lagoas.com

Hotel Solar Palmareira ****
 Casa das Palmeiras, Av. Marginal, 2780-099 Paço de Arcos
 Tel. 214 404 890 | Fax. 214 404 899
 E-mail: reservas@casadaspalmeiras.com | www.casadaspalmeiras.com

Alojamento Jardim Hotel ****
 Av. Tomás Ribeiro, 128, 2780-891 Linda-a-Vizinha
 Tel. 214 175 436 | Fax. 214 175 436
 E-mail: reservas@casadaspalmeiras.com | www.jardimhotel.com

Hotel Apartments SolParty ****
 Rua Manuel Silva Galvão, 2, 2795-322 Linda-a-Vizinha
 Tel. 210 906 900 | Fax. 210 906 999
 E-mail: info@solparty.com | www.solparty.com

Hotel Expresso do Holiday Inn ***
 Av. Sérgio Vieira de Mello
 Estrada de Povoação Sagres, 2780-240 Povoação Sagres
 Tel. 214 232 500 | Fax. 214 232 641
 E-mail: info@holidays.com | www.holidays.com

Hotel Bay**
 Av. Encosta AS - lote 46, 2780-820 Oeiras
 Tel. 214 232 730 | Fax. 214 232 779
www.acehotels.com

Hotel Condióntal - HOTEL
 Estrada Marginal, 2780-267 Oeiras
 Tel. 210 029 900 | Fax. 210 029 808
 E-mail: condiotal@condiotal.pt | www.condiotal.pt

Alojamento de Investimento do Calafoneiro
 Estrada Marginal, 2780-267 Oeiras
 Tel. 214 430 634 | Fax. 214 439 367
 E-mail: calafoneiro@calafoneiro.com | www.pousadacalafoneiro.com



:: Bienvenido :: bienvenue

oeiras










[PT/MOER/CRI-MPM/02/01667]

Fábrica de Cerâmica Montargila (Junça)

- A *Fábrica de Cerâmica de Montargila*, foi fundada em 1897 por José Joaquim Almeida Junça, remodelada e ampliada em 1906. A Fábrica e o respetivo bairro operário estão situados na Rua João Chagas, na estrada de ligação entre Algés e Linda-a Velha.
- O edifício principal e os anexos, construídos em tijolo (com características arquitetónicas idênticas ao edifício da Central Tejo, em Belém, atual Museu da Eletricidade), são muito originais e representam um bom exemplo de património industrial de Oeiras. Junto ao edifício da antiga fábrica existia o bairro operário, edifício de planta quadrada com pátio comum, construído em 1945.
- A Fábrica esteve em laboração até aos anos 60 do séc. XX e fabricava telha, telhão, tijolo, e artigos decorativos de cerâmica. Os artigos produzidos são hoje raros e com poucos registos conhecidos.

Fábrica de Cerâmica Montargila (Junça)

Vista sobre a Fábrica

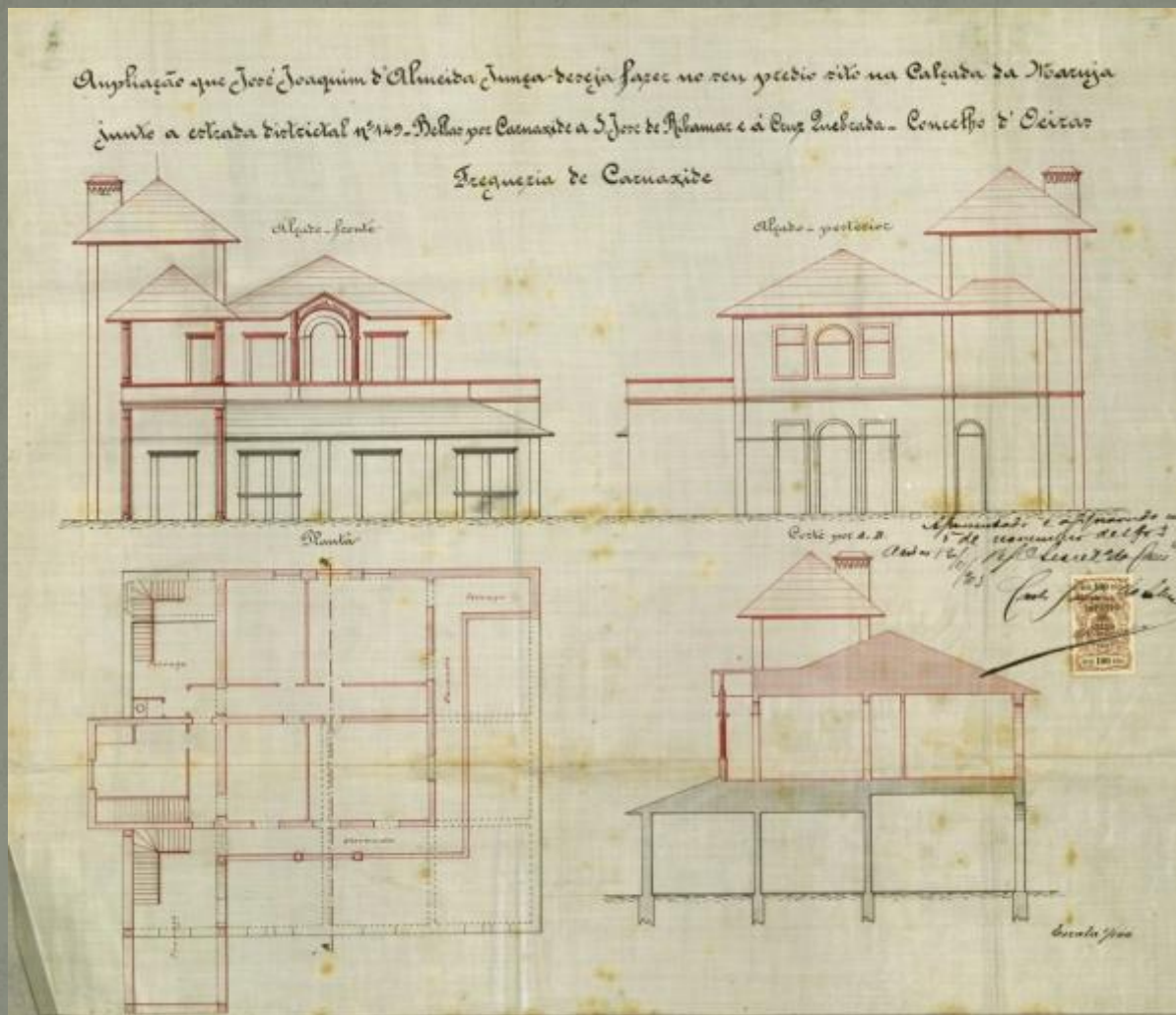


[PT/MOER/MO-NF/001/001/00183]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fábrica de Cerâmica Montargila (Junça)

Projeto de ampliação de 1903



[PT/MOER/MO/URB-08/29:1903]

Fundição de Oeiras

- A *Fundição de Oeiras e Construções Mecânicas de Oeiras S. A. R. L.*, mais conhecida por *Fundição de Oeiras*, foi constituída como sociedade anónima em 19 de Janeiro de 1921 tendo sido fundada pelo importante industrial António Centeno que também foi o primeiro presidente da Companhia Portuguesa Rádios Marconi.
- No entanto, só em 1929, quando o seu administrador decidiu reunir todas as suas atividades industriais, a respetiva sociedade se estabeleceu definitivamente em Oeiras. Com uma área inicial de 6500 m² e 60 trabalhadores a principal atividade era a fundição de metal ferroso para apoio de instalações elétricas e, de um modo geral, a toda a fundição industrial nacional.
- Aquando da conclusão de novas instalações em 1938, a *Fundição de Oeiras* foi formalmente inaugurada a 10 de Novembro desse mesmo ano com a presença do presidente da República Marechal Óscar Carmona e das mais altas individualidades de Oeiras.
- Com uma dinâmica industrial muito profícua rapidamente se tornou um dos maiores empregadores de Oeiras e o aumento quase exponencial da sua capacidade é atestado pelo número de trabalhadores que laboravam na Fundição em 1938 que ultrapassava já os 200.
- Com o tempo, e com as diversas ampliações posteriores, a *Fundição de Oeiras* incorporou mais pessoal mas também novas técnicas de fundição que lhe permitiu elevar o patamar tecnológico e competitivo da marca que passou a comercializar, por exemplo, louça de ferro fundido mas também fogões, radiadores e afamadas máquinas de lavar roupa.
- Com o passar do tempo e com a perda de competitividade a *Fundição de Oeiras* encerrou definitivamente a sua vertente industrial em finais dos anos 80 do séc. XX.

Fundição de Oeiras



[GC Cx 3/1993 F 48 Neg 11]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fundição de Oeiras



[GC Cx 1/1990 F 37 Neg 21A]

Fundição de Oeiras

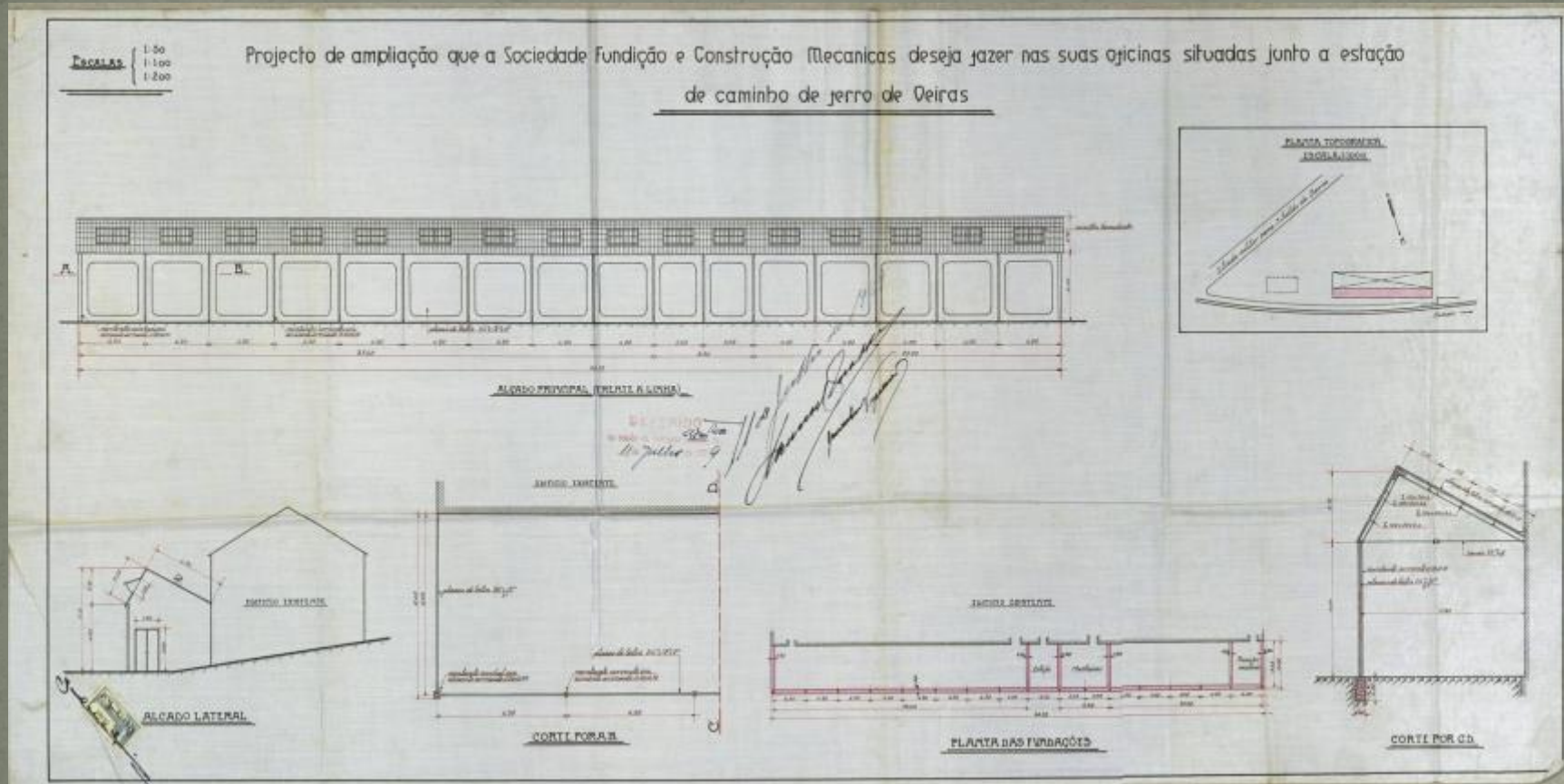


[GC Cx 1/1990 F 37 Neg 24A]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fundição de Oeiras

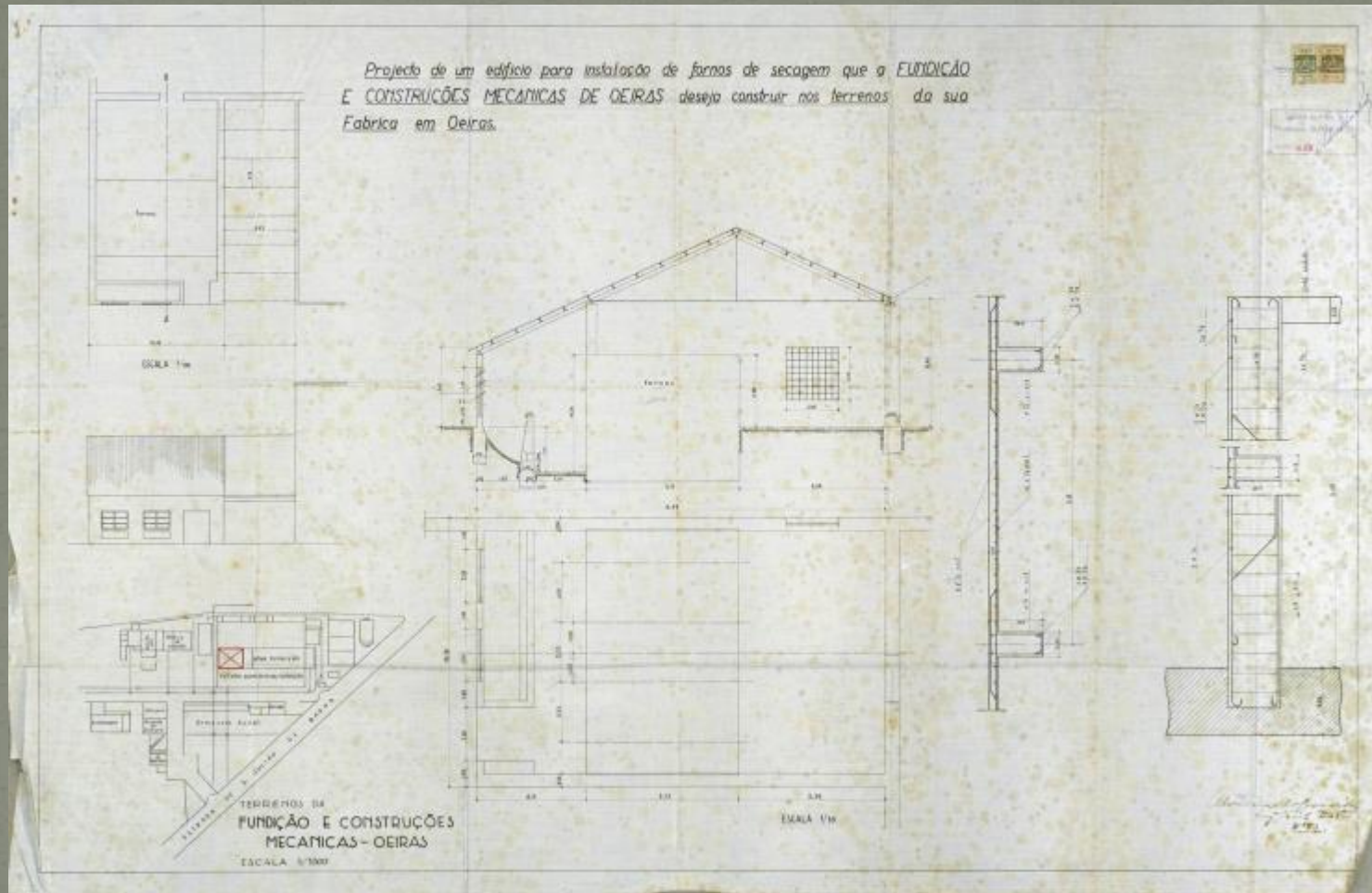
Projeto de ampliação de 1929



[PT/MOER/MO/URB-08/136:1929]

Fundição de Oeiras

Projeto de ampliação de 1940



[PT/MOER/MO/URB-o8/31:1940]

Fábrica do Areeiro

- A *Fábrica de lanifícios de S. Pedro do Areeiro*, a “Fiandeira”, foi fundada por José Diogo da Silva em 1864. Esta fábrica constituiu durante muitos anos uma “indústria modelo” ao utilizar maquinaria sofisticada para a época e produzindo artigos de grande qualidade. A atestar o enorme sucesso dos seus produtos temos os dados sobre os seus trabalhadores que em 1871 seriam “apenas” 50 para, somente 10 anos mais tarde, chegarem já aos 594 operários.
- Este importante complexo industrial de Oeiras chegou a ser visitado pelo Rei D. Carlos e D. Amélia em 1891.
- Deste antigo complexo industrial do séc. XIX, resta ainda a residência da encosta de José Diogo da Silva, a famosa torre do relógio e um dos edifícios da fábrica. Completam o conjunto algumas casas térreas, antigas, residências de operários. Este complexo representa um dos bons exemplos de património industrial de Oeiras.

Fábrica do Areeiro

Chaminé da fábrica ao centro



[PT/MOER/MO-NF/004/01/295]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fábrica do Areeiro

Torre do Relógio

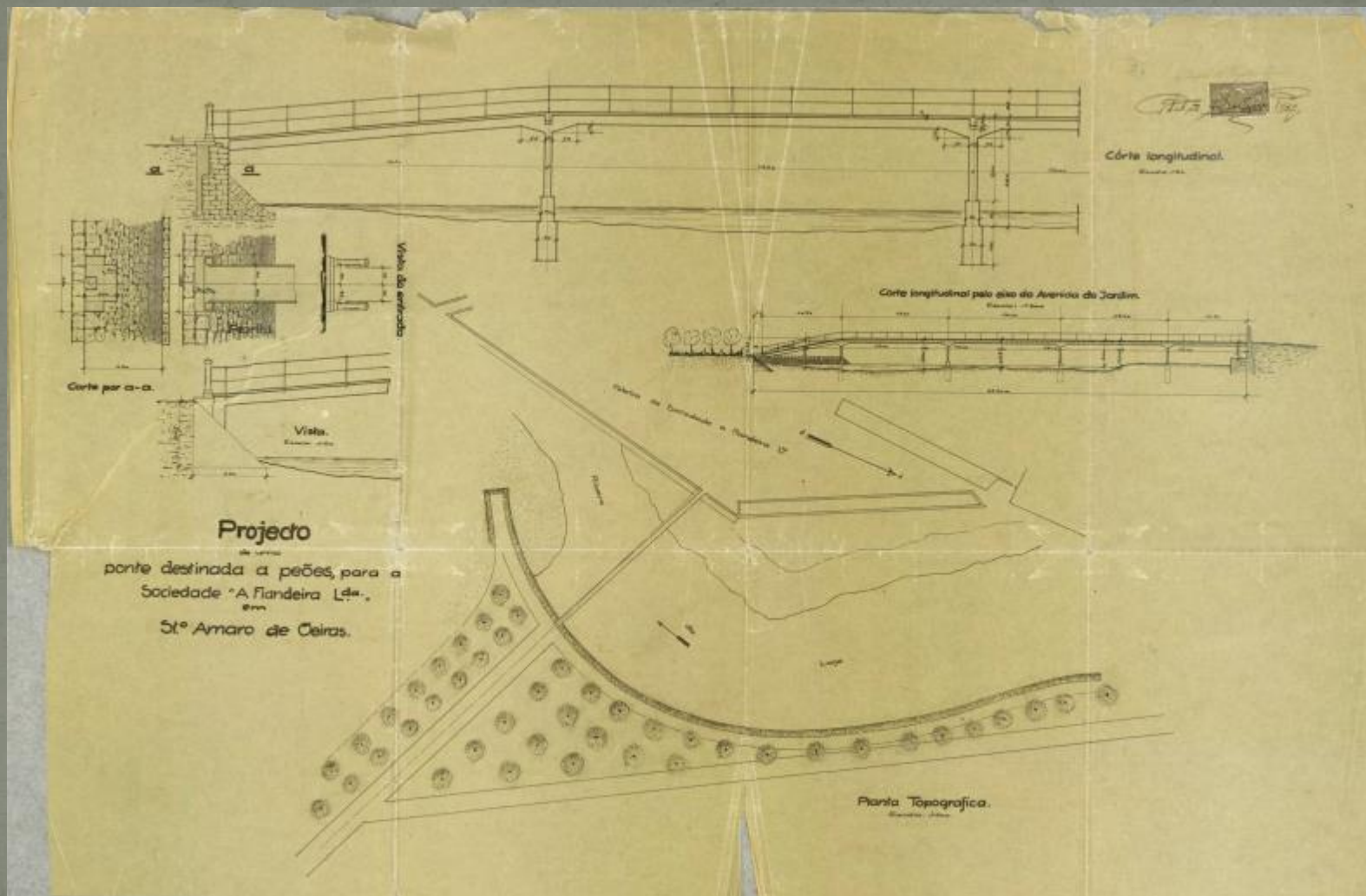


[PT/MOER/MO-NF/004/01/2485]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fábrica do Areeiro

Projeto de edificação de ponte (já demolida)



[PT/MOER/MO/URB-08/04:1906]

Fábrica Lusalite

- A *Lusalite – Sociedade Portuguesa de Fibrocimento, S. A. R. L.* foi fundada em 1933 e rapidamente se tornou líder na produção de fibrocimento. Com o tempo alargou também a sua marca a uma enorme variedade de produtos dos quais se destacam as chapas onduladas e lisas, chaminés, tubos de águas e esgotos, casas pré-fabricadas, armários, etc.
- A unidade fabril encontrava-se na Cruz Quebrada junto à estação dos caminhos de ferro Lisboa-Cascais e do Estádio Nacional no Jamor.
- Com a Cimianto, a quem se juntou em 1945 dando origem à Novinco, criaram uma associação para a produção de amianto, hoje em dia banido da indústria. Em 1952 a *Lusalite* expandiu-se até Moçambique e em 1974 empregava mais de 700 trabalhadores entre a unidade fabril da Cruz Quebrada e as instalações administrativas em Lisboa.
- Com a crescente polémica em torno dos argumentos ecológicos sobre o amianto, a União Europeia proibiu neste contexto a utilização de fibras de amianto a partir de 2004 o que teve, como consequência direta, o encerramento definitivo da *Lusalite*.

Fábrica Lusalite

Vista parcial



[GC Cx 2/2001 F 74 Neg 21A]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fábrica Lusalite

Vista aérea



[PT/MOER/MO-NF/001/001/00024]

Património industrial no concelho de Oeiras

Fábrica de Fermentos Holandeses

- Em 1930 foi fundada, na Cruz Quebrada, a *Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandeses, Lda.* Esta empresa, dedicada à produção de fermentos, era uma sucursal da *Nederlandsche Gist-en Spiritusfabriek (NG&SF)*, fundada em 1869, em Delft na Holanda, para a produção de fermentos para a indústria de panificação. Para além de fermentos, mais tarde, a *NG&SF* dedicou-se à produção de solventes e álcool destilado quando se expandiu para vários países europeus incluindo Portugal. A empresa holandesa, considerada autoridade em matéria de fermentos, tinha laboratórios dedicados à investigação e desenvolvimento e empregava vários bioquímicos e microbiologistas.
- A empresa passou por várias fases ao longo da segunda metade do séc. XX e a sua marca foi adquirida por outras empresas, tendo encerrado definitivamente a sua atividade em 1999.

Fábricas de Fermentos Holandeses e Lusalite

Vista aérea: junto à linha férrea, à esquerda da Ribeira, encontram-se a Fábrica de Fermentos Holandeses e a Fábrica Lusalite



[PT/MOER/MO-NF/001/001/00180]

Fábricas de Fermentos Holandeses (à direita) e Lusalite (à esquerda)



[PT/MOER/MO-NF/001/001/00319]

Fábrica de Fermentos Holandeses

Requerimento para a construção de bairro social

SERVIÇOS COM PLANOS
N.º 240

Serviços de Urbanização
& Obras
21/02/57
Chefe de Serviço

21 FEB 1957

Exm. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras
- Vid. O.P.R. 212/56 -

A FÁBRICA PORTUGUESA DE FERMENTOS HOLANDESES, L.D.A.
com sede na Cruz Quebrada, freguesia de Carnaxide,
concelho de Oeiras, vem submeter à apreciação dos
Serviços Técnicos Camarários, o projecto de constru-
ção do seu Bairro Social a edificar nos seus terre-
nos sítos em Linda-a-Velha entre as estradas de liga-
ção desta povoação com a de Carnaxide e a antiga es-
trada de Nossa Senhora da Rocha, para que lhe seja
passada a respectiva licença de construção.

Vide
Plano Camarário
n.º 422

Acto Deferimento
FÁBRICA PORTUGUESA DE FERMENTOS
HOLANDESES, L.D.A.

Cruz Quebrada, 26 de Fevereiro de 1957

Vide despacho n.º 267/57 da D.G.S.U.

31/3/57

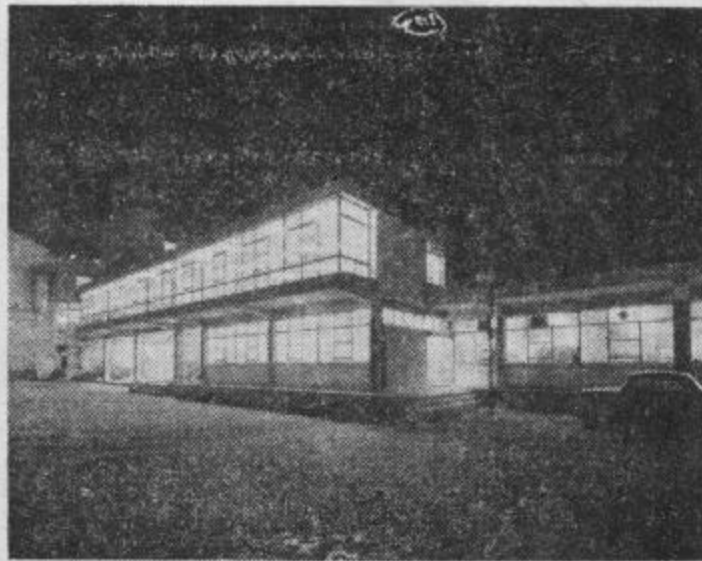
In forma
Julgo de comunicar ao senhor do
D. G. S. U.
o 1.º de Fevereiro de 1957

[PT/MOER/MO/URB-o8/240:1957]

Fábrica de Fermentos Holandeses

Requerimento para a construção de bairro social

**O PRESIDENTE E A VEEAÇÃO
DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS**
apreciaram, ontem, as modernas
instalações da Fábrica Portuguesa
de Fermentos Holandeses na Cruz Quebrada



Aspecto nocturno de uma parte das novas instalações da Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandeses

[PT/MOER/MO/CULT-HL/ADM PUB/21462]

Ficha Técnica

- Organização:

Município de Oeiras

- Direção e coordenação executiva:

Divisão de Gestão Organizacional – Serviço de Arquivo Municipal

- Investigação e conteúdos:

Catarina Marques

Helena Évora

Isabel Salvaterra

Mário Sá

Rui Godinho

Rui Miranda

Teresa Correia Pires

- Guião da Mostra Documental:

Mário Sá